

Terça-feira, 27 de janeiro de 2015

TERÇA, QUARTA OU QUINTA

Olho pela janela e vejo a neve cair em infinitos flocos brancos. Flocos tão pequeninos e esvoaçantes que quando os vemos eles já não estão mais ali. São Pontos e linhas brancas dançando no céu em ritmos diversos, às vezes calmas as vezes frenéticas, as vezes turbilhonantes. Embaixo, tudo o que era rua, calçada, meio fio, hidrante, cerca muro, vai se tornando um grande plano branco. Penso em Malevich com seu "quadrado branco sobre o branco." Só podia mesmo vir da Rússia, um país branco, que por um bom tempo costumamos chamar de vermelho. Lembro-me em seguida, de Olga, não a Benario, mulher do Carlos Prestes, mas uma garota russa, também chamada Olga, que conheci rapidamente nos tempos de estudante e por quem me apaixonei, mas que minha timidez não me deixou aproximar. Não tenho dela nenhum retrato, somente sua imagem espiritual, seus cabelos claros, seus olhos grandes e azulados, seus dentes brancos, enfileirados como perolas na neve, seu sorriso grande que iluminava toda conversa e abraçava todos que dela se aproximavam, seu corpo branco e macio por baixo de uma roupa simples que nada revelava do seu corpo que eu tanto queria ver e seus gemidos, seus gemidos e gritos de gozo que inundavam o corredor e derretia seu corpo, cobrindo de branco hidrantes, meio fios, ruas e postes.

Ah, Do outro lado da rua ainda se lê, em vermelho, "don't walk". Com efeito, hoje a ordem é não sair de casa. Faço isso, olho a neve pela janela e a neve vem a mim. Milhões de pontos brancos sobre o branco. Olho atentamente essa dança maravilhosa, balanço a cabeça! Fecho os olhos para ver, ver o já vi, ou que não vi, ou o que não verei nunca.

Quarta-feira, 28 de janeiro de 2015

UM ANO DESENHADO

A neve começa a ceder lugar para a rua. Tratores e caminhões niveladores, trabalharam o tempo todo empurrando neve para não deixar petrificar sobre o asfalto. Assim surge essa extensa faixa preta no branco e os diversos pontos que farão viver esta composição: fios elétricos, cercas, janelas, muros, arvores, casas e, os carros e os transeuntes que passam. Ontem a ordem aqui em Boston foi não sair de casa, as escolas não abriram, o comércio não funcionou, não teve transporte urbano. Aproveitei para ler sobre o Vermont Studio Center (VSC) e passar em revista os desenhos do projeto UM ANO DESENHADO. Vamos findando o primeiro mês e dezenas de imagens iluminam nossa página com essa prática de desenhar, escrever, trabalhar uma imagem todos os dias. Mais do que desenho como resultado, vejo a performance de cada um em seu lugar, estabelecendo um tipo de compromisso com a arte e tentando dar o seu próprio passo no branco. Como disse Amílcar de Castro, a folha branca desafia sempre, e, colocar ali, pontos linhas, formas é conquistar este espaço, acrescento que, fazer isso todos os dias

(como uma oração) é conquistar a se mesmo, é educar a si mesmo. Vejo a permanência de alguns participantes Carla Waldo, Zaira e outros, assim também como as muitas curtidas na nossa página, isso é animador. Flavia, vi seus desenhos, gosto do seu trabalho com a cor e os desenhos mais demorados, será legal sentarmos uma hora para ver e falar de desenho, mas escolha alguns para postar, aguardo para vê-los aqui. Renata entrou em contato comigo e se animou a participar dessa aventura, um desenho bonito e denso que vem de Minas. Como estou em viagem e nem sempre consigo acessar internet tenho acompanhado irregularmente as postagens, assim vou comentando e postando aqui irregularmente, mas em nenhum momento esqueço que, como eu, em algum lugar do Brasil, tem alguém desenhando, escrevendo, criando imagem, cada dia! Vamos lá, trezentos e trinta e cinco desenhos nos esperam! Deixo alguns dos meus últimos desenhos. Todos, grafite sobre papel. O do Central Park foi feito em dois dias! Levem em conta que o texto é feito corrido e sem revisão. Desculpem qualquer erro. Um abraço para todos

Segunda-feira, 2 de fevereiro de 2015

DOMINGO

Volta a nevar em Belmont. Pequenos pontos brancos dançando no ar como se o vento fosse a respiração do mundo. Frio lá fora, quente aqui dentro. Não sei avaliar a temperatura dentro /fora. Abro a porta e encontro uma temperatura totalmente da dentro de casa. Quase sempre saio com roupa de menos, porque me balizo pela temperatura de dentro e então tenho que voltar para colocar mais roupa. Às vezes olhar e ver não é tudo, é preciso sentir na pele. Desço ao "basement" da casa da minha amiga Luqinha e encontro algumas pinturas e desenhos que deixei enroladas aqui de uma outra passagem minha por Boston, há mais de dez anos (e ela as guardou!). Faço do porão meu atelier e, por algumas horas tenho prazer de encontrar trabalhos antigos. Não sabia onde estavam essas pinturas, mas assim que as vi, as reconheci. Algumas são pinturas-livros de dimensões médias, outras são grandes, quase dois metros. Gosto muito das pDiEnStEuNrHaOs, como propôs Gil Vicente (conseguiu ler?), embalo-as (os) para desenvolvê-los em Vermont. Consigo visualizar um livro-desenho com essas pinturas menores, quanto as maiores pergunto-me o que fazer. Como são grandes, exigem um investimento maior, daí a questão: vale? Lembro-me do meu amigo Marcelo Silveira que de uns tempos para cá, anda revisitando seus trabalhos antigos, distinguindo os trabalhos "válidos" dos não "válidos" e tomando de volta os que não passam no crivo. No pequeno livro que publiquei ano retrasado "pintura sobre pintura" resolvo essa questão sem metáforas, as pinturas inacabadas, fracassadas, são simplesmente repintadas, atualizadas, torcidas, destruídas ou reinventadas. Trata -se de um método estimulante, pegar uma pintura inacabada, ruim e desenvolve-la. Parto do princípio que se está "ruim, pior não vai ficar". Mas essas pinturas que encontro quatorze anos depois me fazem parar. Não sei avaliá-las. Será que vale a pena levá-las? Há mais de dez anos atrás acreditei nelas, agora tenho dúvidas. Fico entre a cruz e a espada, preservá-las ou

destruí-las? Na dúvida opto por esperar. Nada do que é certo em um tempo e lugar tem garantia de sê-lo em outro momento. Fotografo com a luz fraca do porão, as pinturas-desenhos serão trabalhadas esses dias na residência em Vermont. Tentarei dar notícias dela até o final do mês, as outras voltam para o purgatório.

Terça-feira, 3 de fevereiro de 2015

TERÇA

VERMONT STUDI CENTER. Aqui estou com esses meus textos longos para face, mas se interessa e tiver paciência, vamos lá. A viagem de Boston Vermont foi tranquila. Meus amigos dedicados Luca e Jorge, me levaram até a rodoviária as 6:00 horas da manhã, em pleno domingo! Na fila de espera do ônibus, conheci Hoda Kashiha, artista iraniana que está indo também para a residência. Conversamos bastante, visito o site dela e fico tocado com a intensidade e qualidade de sua pintura, realmente uma pintura poderosa. Deem uma pesquisada no Google e confirmam! Fotografo A paisagem de maneira desfocada, deixando o branco da neve se misturar com os cinzas transmitem uma atmosfera de pintura. Na cidade de Burlington, no ponto de espera da van, que nos levava para cidade de Jonhson, onde se localiza Vermont Studio Center (VSC) já éramos uns vinte. Recebemos as primeiras boas vindas e folhas com informações básicas, programação e a lista com e-mails dos residentes, a maioria dos Estados Unidos, Outros do Canadá, Inglaterra, França, dois da Argentina, um do Brasil, uma da Nigéria, dois da Coreia, uma do Iran e por aí vai.

Assim que chegamos fomos conhecer os estúdios e os alojamento. Os primeiros são vários galpões espalhados pela cidade, os alojamentos são grandes casas de madeiras que datam da época da fundação da cidade. Lembrou-os antigos barracões da Departamento de Artes da Universidade de Londrina, onde lecionei por 14 anos. Aí compreendi bem o apelo para que se preservassem aqueles galpões. Trata-se da memória, da fundação de nossas histórias. O quarto é um espaço caloroso, com espelho, pequeno guarda roupa e estante embutidos, um criado, uma cadeira, cômoda e até toalhas! Bravo, O Studio, um grande espaço branco, bem iluminado, rústico com duas mesas, uma cadeira e a parede pronta para receber grampos etc. No fundo do corredor, uma sala com diversos spots, para desenho livre de modelo, todos os dias pela manhã, para quem quiser. Aprendo a expressão life drawing.

Um dos diretores faz conosco um pequeno tour pelo centro da cidade, apontando pontos estratégicos, espaços de ginastica, de meditação, de yoga, biblioteca, livraria papelaria, café, etc. Faz tanto frio que escapo para a loja de material e faço minha primeira compra, deixo lá US\$ 130,00 em papel, push pins, tinta nanquim e carvão.

Eu vim para cá com projeto de pintura, mas começo pela fotografia, fazendo imagens desfocadas dos diversos ateliês. Amanhã, espero falar um pouco de pintura ou desenho, enquanto isso trago algumas imagens do diário da viagem, um abraço!

Quarta-feira, 4 de fevereiro de 2015

DA NEVE AO DESENHO

Chegará uma hora talvez em que acostumarei com a neve e com ar frio que bate meu rosto quando abro a porta, mas enquanto isso não acontece, deixe me falar dessa novidade, dessa surpresa que é estar na neve. Dentro de casa podemos andar de camiseta e trabalhamos normalmente. Travamos discussões, assistimos televisão e nos divertimos com o futebol americano. O "basement" é o lugar onde, como o diretor disse pode se fazer o barulho que quiser que não ira perturbar ninguém, mas parece que todos competem para fazer mais silencio. Lá seria o lugar da festa, da bebida, da música, mas se parece ao final, com uma biblioteca. Tem televisão, mas raramente é ligada, tem muitos bons livros nas estantes e uma máquina de xerox a cores que podemos tirar cópia à vontade (isso me leva a fazer um trabalho com xerox e fotografia sobre o qual falarei depois). Aos poucos cada um vai para o seu atelier ou alojamento e ninguém faz mais silencio que a noite. Amanheceu nevando. Um cenário raro para mim. Por isso gasto tempo olhando. Uma solidão serena habita as ruas, parece que tudo dorme quentinho.

Das chaminés sobem vapores de ar quente, parecendo fumaça. De repente passa um ônibus escolar amarelo com crianças, mais tarde uma mulher passa devagar, levando um cachorro, depois um carro, depois dos artistas residentes... Lembrou me um poema de Carlos Drummond: cidadezinha do interior: devagar as casas se olham, êta vida besta meu Deus! Olho esta paisagem branca como olhei a paisagem verde da Amazônia, como olhei um pedaço do deserto Saara no Marrocos, um olhar de estrangeiro, mas com algo de pertencimento como escreve Fernando pessoa: "trago um novo universo, porque trago o universo ele próprio".

Estou sabendo que nevou, vi nevando, mas quando abro a porta.... A surpresa, a neve, o frio. Sei que está frio la fora, mas não sei de verdade, até que ele toque meu rosto como se tivesse mão, uma mão suave, gelada, gostosa, intensa. Respiro o sopro da neve como um beijo e deixo a molhar o meu rosto, só aí termino de colocar luvas, casacos, gorro. Mas fica o rosto, o único lugar que ela toca enquanto caminho outside. Respiro com prazer esse frio, um prazer dobrado pela necessidade, pois o ar seco do aquecimento dentro de casa resseca minhas narinas até sangrar, então quando o ar frio chega é como um bálsamo, sinto a verdadeira delicia de respirá-lo, parece alumbramento dizê-lo e porque não? Sinto sua textura e liquidez penetrando meu corpo como um fio de ar, centímetro a dentro pelo meu nariz até ele desaparecer e aparecer em meu cérebro como pensamento, com essas palavras. Acho que posso dizer isso, que, o que você está lendo aí é o ar que respirei aqui.

Será que vai nevar ainda este mês por aqui? Será que até o final do mês terei essa relação idílica com a neve? Não sei, ela tolhe os meus movimentos, me força ficar quase

o tempo todo dentro de casa, mas para quem veio para cá trabalhar isso é bom. Ontem comecei desenho de modelo vivo, era um exercício mais para aquecer as mãos e pensar algumas formas, mas enveredei a manhã inteira neste exercício e passei o resto tempo encantado com isso. Já disse e escrevi muitas vezes que desenhar alguém é passar um tempo com esse alguém através do desenho. Um tempo vivido em silêncio, olhando o outro o mais perto possível. Trata-se de uma performance que se tornou tradição, mas que nunca deixou de revelar novas formas e estabelecer novas parcerias. Foi assim que comecei a conhecer, desenhar Steve Sheever, um dos modelos aqui da residência. Trago alguns desenhos desta sessão, amanhã falamos mais sobre isso. Um grande abraço todos e obrigado pela leitura generosa que alguns tem dedicado a estes textos de pouca serventia.

Quarta-feira, 4 de fevereiro de 2015

LIFE DRAWING

Sessão de modelo. Descobri esta expressão: modelo vivo.

Primeiro dia. Lá está ele, às 9:00 em ponto, para desenho de modelo vivo. Já disse que desenhar alguém é uma forma de conviver com esse alguém através do desenho. Lembra? Este mês teremos aqui dois modelos, um masculino e um feminino para desenho. O que tenho a dizer trabalhando com modelo vivo? As vezes faço essa pergunta, de novo, e de novo, pois trata de um mecanismo tão tradicional, acadêmico diria que, ao mesmo tempo quem atrai alguns artistas e espanta outros tantos e, estes últimos não se cansam de dizer que isso é acadêmico, que é coisa morta e enterrada. No entanto está vivo aqui. E para mim é sempre um desafio novo. Assim, tento responder à pergunta insistente desenhando, desenhando, mas a resposta não está somente lá, no objeto, sim entre nós, entre o artista e o modelo, então cada desenho é de novo uma outra pergunta.

Começamos nos apresentando, dizendo nosso nome e de onde viemos. Ele tira a roupa com gestos lentos como se fosse ao banho, corpo forte, liso, sem nenhum pelo, nem na cabeça nas partes. Ele me pergunta se tenho alguma pose ou imagem em mente, respondo que não, que iremos descobrir na conversa com espaço, com a prática dele de modelo e com os materiais que eu tenho em mão; são eles um caderno com sessenta folhas (um desses caderno encorpado, que dão vontade de desenhar nele todo, de cabo a rabo), nanquim, água, bico de pena, papel toalha.

Combinamos poses de dez minutos cada. A ideia é desenhar direto sem esboço, pegar esse risco próprio da técnica do bico de pena, incorporar o erro, concluir algumas imagens na sessão e as que não derem certo, levar para o segundo momento, que chamo de "momento do olhar" e aí então, interferir, desenvolver, etc. Desta forma surge a aguada, o borrão, localizado quase sempre no rosto. Desenho errando, borrando a folha;

com poucas linhas, quando consigo, um desenho mínimo, onde o espaço branco é tão importante quanto a figura.

Conversamos nos interstícios. Uma palavra ou outra durante as poses, ele é concentrado e prefere não falar durante a pose, para não me atrapalhar, mas aceita conversar com se eu pergunto alguma coisa. Assim trocamos uma frase ou outra. Ele é músico, toca guitarra. Já tocou muito na noite, mas não faz mais isso. Diz que cometeu muitos erros na vida. Faz gesto com a mão como quem se cansou do que já fez. Agora busca levar uma vida calma em seu segundo casamento, criar os filhos e fazer sua música sem competição, sem pressão. Tem uma filha de trinta anos do primeiro relacionamento, mas com quem pouco fala. Pergunto se ele é religioso, responde que sim, cristão e acrescenta que todos os dias lê um capítulo da bíblia, assim já a leu toda várias vezes. Diz que a filha não foi um erro, mas o primeiro casamento foi, então procura fazer as coisas certa hoje. Não perguntei quais foram realmente seus erros, fiquei pensando neles e nos meus. Ou melhor, no conceito de certo e errado e na impossibilidade da sua definição em existência. No entanto digo que desenho errando. Finalizamos a sessão, perto do meio dia. Steeve vai embora, nos despedimos com sentimento de amizade. Eu ando pelo Studio sozinho voltando ao silêncio da neve que cai lá fora, leve e intensa, criando uma página branca cheia de linhas que como desenhista gosto de ver. Parado diante da janela vejo um carro todo coberto de neve. No mais quase nada se move a olho visto! O silêncio é grandioso, foi uma ótima sessão de desenho de desenho, encantadora!

Quinta-feira, 5 de fevereiro de 2015

LIFE DRAWING II

Cheguei as 9:00 em ponto a sala de modelo. Ela estava sentada navegando na internet com seu laptop, talvez não esperasse que viesse ninguém desenhar hoje. Com efeito só veio mais um artista e ficou somente uns 20 minutos. Chelsi é o seu nome. Cabelo curto, meio loiro, 28 anos, corpo bonito e com pelos naturais, mas leves nas axilas, sexo e pernas. Ela é artista também e sonha ser professora, mostrou um dos seus quadros, uma paisagem com neve, luminosa e impressionista. Mostrei-lhes os desenhos feitos com Steve, ela gostou e disse que as imagens a inspirava posar.

Tirou a roupa, subiu na cama, se apoiou na parede e assim começamos. Ela fez várias poses em silêncio, mudando de uma para outra a cada dez minutos, conforme combinado. A primeira me pareceu muito esquematizada, tentei fazê-la, mas não funcionou, então pedi que ela simplesmente ficasse de pé e desenhei sobre a imagem que havia começado antes. Posso dizer que comecei "errando", por isso é que borro sempre, para recomençar, não para criar um efeito adrede estabelecido, o efeito vem do processo, da tentativa, da angústia do "erro", neste caminho, o desencontro deixou de ser erro, tornando uma maneira de trabalhar de criar imagens gráficas.

Do segundo desenho para frente inventei de soprar água com soprador de boca, sobre a folha enquanto trabalho com a nanquim e a pena, criando um efeito levemente pontilhado, salpicado, doce. Achei bonito, mas doce de mais, muito liso, talvez, uma imagem meio romântica. Lembrou-me dos meus tempos de universidade quando desenhava a partir de fotografias de revistas e fazia meus primeiros life drawing, nesta ocasião, desenhava a figura feminina sempre meio romântica, entre sonhadora, entregue e desejanse. Talvez estivesse ali algo daquela famosa frase de Tennessee Williams, a de que ele não conseguiria escrever teatro se não houvesse na peça algum personagem por que ele nutrisse um desejo. Claro que há uma beleza nessa figuração leve que chamo de romântica, mas isso é superfície, o que me faz desenhar, fazer arte é a necessidade de ir a águas profundas. Por isso quebro o desenho, buscando alguma imagem, alguma coisa de lá, lá onde, segundo muitos está o nosso fundamento. E há tanto excitação nisso que esqueço o cansaço, a famosa dor nas costas, o tempo.

"Neva" lá fora e aqui dentro enfrento a nudez de alguém e a minha nudez São tantas as necessidades em vida! ..., mas neste momento, aproximo de uma ideia de beleza, que não nada de água com açúcar, mas aquela que Dostoievski escreveu: "a beleza salvará o mundo". "Neva" lá fora e alguém se despe, fala das suas necessidades, dos seus sonhos, da realidade, da pele; faz o proibido ficar leve e o tabu, ser um apoio.

Trabalho então em duas vias, uma via é a excitação do momento! Esse momento é vivo, vivido. Não estou sozinho, estou com alguém, isso é da ordem do convívio, construímos expectativas, conversamos, nos revelamos ao pretexto de fazer uma determinada imagem, uma imagem que é mais da ordem do possível do que do querer. Esta performance para mim é sempre intensa, é realmente uma performance que pode ser assistida, construída em diferentes lugares e de diversas maneiras. Tento levar cada desenho até o final, mas um desenho rápido, croquis, assim construo vários para depois, escolher, rever... A outra via é refazer esses desenhos, acrescentar formas, atualizá-los, quebra-los de novo, podendo inclusive perde-los totalmente. Algumas interferências são conhecidas, a colagem, a cobertura com tinta, mas uma que me vem neste processo é colocar algumas poses em outros desenhos, uma sobre as outras e em espaços deixado em branco. Nesse contexto decido fazer um livro de desenho um com o modelo masculino, outro com o feminino. Vamos ver como sai. Trago-lhes alguns desses desenhos. Se vieram até só tenho a oferecer, amanhã, prometo texto curtinho. Um abraço. Boa noite, boa noite!

Sexta-feira, 6 de fevereiro de 2015

UM ANO DESENHANDO

Amigos do desenho e alunos que estão envolvidos no projeto "Um ano desenhado", não me esqueci de vocês não, pelo contrário, como estão vendo, tenho desenhado bastante e postado desenhos diversos. Sempre vejo, mesmo que rapidamente os desenhos postados e, tenho visto uma movimentação muito boa. Isso é ótimo! O projeto está andando naturalmente! É isso aí. O compromisso de criar, de tentar, de arriscar, de vencer a página em branco, (as vezes não vencer), é de cada um. O projeto é um caminho, o objetivo é você, ou melhor, seu coração. Parece besteira falar de coração, afinal nossa sociedade é tão cerebrina! Talvez por isso mesmo, seja necessário falar de um outro lugar, do lugar da sensibilidade, da sensação, da desmesura, do que foge da razão, do tesão.

Qual o sentido tem de desenhar (pintar, cantar, poetizar) hoje? Passar um ano cultivando essa ideia? Parece um quase nada (poucos são os que conseguirão chegar lá) mas se pensarmos bem, tem a ver com toda nossa cultura, isto é, vem dos gregos, vem de lá essa forma de se manifestar em poesia, teatro, cerâmica e mesmo na espada: fazer com que exista a música, a poesia e com isso possamos cantar e sermos cantado, amor e sermos amados, guerrear e conquistar mundos. Nosso instrumento é o lápis, objeto de escrita, mas ele é também nossa espada, nossa língua, nossa religião. Sim porque se não cremos verdadeiramente na arte, não faremos nada que valha e, se não tivermos fé, o primeiro convite faceiro nos levaria para onde sabe Deus. Eu não digo que acredito no desenho (pintura, etc.), mas faço isso todos os dias, por duas razões: primeiro porque estou condenado a fazê-lo, segundo porque é gostoso fazê-lo. Pode - se desenhar aqui, ali, hoje, amanhã, em qualquer tempo e lugar, sobre um pedaço de papel qualquer, ou até mesmo não desenhar. Porque desenhar é pensar, conformar, ver, Amílcar de castro dizia que a pintura é feita por dentro, enquanto o desenho é feito por fora. É uma bela definição, pois fala tudo e deixa o sujeito a pensar. Afinal como definir desenho, será mesmo necessário? Se vocês estão tendo a paciência de me seguir até aqui, vamos pensar este assunto desenhando, quem sabe até o final do ano, teremos algo a falar de dentro desta experiência?

Domingo, 8 de fevereiro de 2015

FAZER FESTA É TAMBÉM CUIDAR DA VIDA.

Como era de se esperar, teve festa final de semana no prédio principal do VSC, talvez por isso se escuta mais vozes no grande corredor do prédio Wolf Kahn, onde fica vários atelieres e onde está o meu. O convite foi feito na hora do almoço e a maioria aderiu. Em meio a tanta neve e, trabalhando tão seriamente já estava me perguntando onde estava o calor, a explosão, as risadas. Dancei um pouco desajeitado em meio a tanta

gente jovem, admirado em ver como os anos passam, eu passo dos cinquenta e ainda não visto bem a capa desta idade. Como é envelhecer? De um lado, ganho, porque estou vivendo, sentindo e vendo esta transformação, de nostalgia do que passou, daquela energia, que talvez não tenha sido tão bem aproveitada. Estou no meio campo, as vezes o corpo não está onde a cabeça está, mas ele é mais concreto do que os pensamentos e os desejos, aliás sem corpo não há pensamento nem desejo. É o tempo da esperada maturidade, ela aparece e certamente contribui para eu me sentir bem aqui, mas no fundo, as inquietações, as incertezas da juventude aparecem também, aqui e ali. Na maioria das vezes me pergunto onde é o meu lugar, ali mesmo na festa a pergunta vem.

Vou à festa para não ficar no quarto, para me entrosar mais com as pessoas, para relaxar, para me divertir, para aprender a ir, a estar em festa. Vem me à mente as muitas festas que perdi de ir as festas no tempo de faculdade, em Belo Horizonte. Primeiro estudei teatro no TU (teatro universitário da UFMG), nunca conheci um pessoal mais festeiro e, no entanto, eu não ia festas da turma. Simplesmente não sabia ir, dizia que não gostava. Outras vezes minha amiga Neide, que atualmente mora em Ouro Preto me convidada, vamos para a festa baianinho, mas eu recusava dizendo que não ir ser feliz lá. Uma vez me chamaram para jogar bola na moradia estudantil Borges da Costa, mas eu recusei, dizendo que ia cuidar da vida, então a Celinha, estudante de comunicação, que tinha língua afiada me respondeu: mas jogar bola é também cuidar da vida. Nunca me esqueci deste recado. É isso aí, fazer festa é também cuidar da vida. Tempos depois entrei em aula de gafieira, tango bolero, para aprender a ir em festas. Um dia aprendo.

Vejo um grupo de artista residentes na faixa da minha idade sentados nos sofás em torno da televisão, tomando vinho; junto-me a eles e enfrento a difícil tarefa de ouvir, falar inglês. Na maior parte do tempo fico quieto, mas não me nego à conversa, pergunto what does it mean? E ganho mais uma reprise e mais um tempinho para compreender. Estar em uma língua que não é sua e na qual você fala Tateando é uma experiência e tanto. Já tive esta experiência quando morei na Alemanha e na França, mas nesses dois lugares tive mais tempo e cheguei lá mais preparado em termos de conhecimento da língua, aqui sinto uma dificuldade enorme, as vezes não compreendo nada, nem uma simples frase como: do you have a break? Falada no corredor, imagine as discussões mais demoradas e os momentos de leitura com os escritores! Ai, ai. Nesse meio tempo vem se sentar no sofá o jovem Rosa, escritora inglesa. Descubro que ela mora em Paris, então digo ah, então você fala francês! bien sur, ela responde, mois aussi, eu digo... Então passamos a falar em francês, embora eu tenha perdido a prática. Nesse momento ela pode falar como sentiu e viu o meu trabalho mostrado no primeiro de slide show, diz gostou muito, aponta alguns elementos e, se interessou em ver mais trabalhos meus, marcamos uma visita no Studio de pintura

Esta semana se dá o valentines day aqui (dia dos namorados) e todos são convidados a fazer cartões com colagem. Junta-se um grupo na sala de modelo vivo, todos cortando, costurando, rasgando papel e colando. Junto-me a eles, Rosa já comentou com alguns que eu falo francês, então aparece mais gente querendo falar francês comigo, vira uma confusão. Na colagem, decido continuar com meu trabalho de fotografia-colagem com

algumas xerox feitas aqui. É um novo passo na série "Reverso" que já venho desenvolvendo deste o ano passado. Depois falaremos mais destas imagens, esse texto já está deveras longo.

Quinta-feira, 12 de fevereiro de 2015

LIFE DRAWING III

Enquanto alguns artistas a criticam eu a levo em frente, não apenas na busca do registro, mas sobretudo na construção gráfica do desenho com figura humana, que é sempre instigante, a vivência com o outro e comigo mesmo, neste embate. Desenhar aquilo que eu vejo, desenhar aquele que eu vejo, que fala comigo, que tem desejos, tem história e fala comigo, desenhar o meu espelho, desenhar diretamente o humano.

Considero o modelo, ele me ajuda a criar, como muitos objetos me ajudam a criar, fruta, paisagem, fotografia, etc., mas o modelo vivo é diferente. É essa diferença que me faz vir para a sala life drawing quase todas as manhas, aqui no Vermont Studio Center. Lá está Stephen, as 9:0hs em ponto. Ele me pergunta como quero trabalhar. Já fizemos várias seções de desenhos esses dias, eu tenho uma série grande feito com bico de penas em meu caderno, de maneira que para avançar tenho que mudar. Digo que vou começar fazendo o retrato dele. Então ele se senta a minha frente, mas nunca me olha nos olhos. Escolho alguns desenhos que não gosto e desenho por cima.

Conversamos um pouco. Ele me diz que passou noite no hospital, sente dores nas mãos e não está podendo mais tocar guitarra. Terá que fazer uma cirurgia delicada. Uma frase ou outra sobre o tempo. Vai esfriar o fim de semana, vai para cerca de 15'graus abaixo de zero. Brrrr... A maioria desses desenhos eu fiz com uma pena velha que falha o traço, interrompe o desenho. No início, quando descobri que só tinha essa pena estragada, falei, vai ser o que Deus quiser. Deixei correr, desenhei riscando, incorporei o traço duro. Lembrou-me Amílcar de Castro, que desenhava com o lápis duro, 9b, lição que ele aprendera com Guignard, desenhar sem sombra, sem arrependimento. Em parte, foi por isso que surgiram tanta mancha nos desenhos, a pena enganchava no papel, ou não levava tinta, empacava... E nós estávamos fazendo poses de dez minutos, as vezes sentia que o modelo se cansava em certas poses e eu pensava deixá-lo descansar. Interrompia uma parte do desenho, deixava o modelo se mexer um pouco e continuava, outras vezes desenhava parte de corpo no mesmo plano, provocando assim uma quebra, um corte, que vejo agora ter relação com minha série de fotografias "Reverso".

Uma frase ou outra, Stephen me fala da filha que mora com mãe, pergunto como ela está, ele disse que não sabe, que tem pouco contato com ela. Liga para ela e não tem retorno. Por último diz que a filha mudou e não passou o telefone para ele. Compreendo o sentimento dele. Falo um pouco de mim, para ele não se sentir só. Filhos e pais separados. Tanta dor em corpos frágeis! Ficamos um tempo em silêncio. Desenho o seu retrato, sobre desenho de um homem nu, deitado (ele mesmo). Fica estranho,

multifacetado, cortado, fragmentado. Não sei dizer se está bom ou não, por ora fica assim.

Sexta-feira, 13 de fevereiro de 2015

OPEN STUDIO

Vamos fazer uma caminhada pelos ateliês dos artistas aqui em Johnson-avt. As residências nos Vermont Studio Center são de quinze dias, um mês ou dois meses, a cada quinze dias tem "Open Studio". Trata-se de uma noite em que todos os Studios são abertos para uma visita. São 25 Studios desta vez. As sete horas da noite saímos do Center hall para esta visita. A neve cai fina e silente criando lusco fusco nas luzes. Os passos na neve criam um barulho chiado, como se estivéssemos pisando em vidro, é incrível como uma coisa tão leve e suave, se torna rija e escorregadia em pouco tempo de caminhada.

Várias pessoas da cidade comparecem. Todos nós artistas também esperamos por este momento, pois como disse dias atrás, a ordem aqui é comer, dormir e trabalhar. E fazemos isso de portas e janelas fechadas, (na verdade, muitas vezes eu abro a janela do meu atelier para respirar o ar gelado que é uma delícia para umedecer minhas narinas que morrem na secura do aquecimento). Depois, se gostamos de fazer arte, estar no atelier e trabalhar é divertido, produtivo, enriquecedor. Durante os encontros no café, almoço e jantar, todos perguntam e tentam resumir como estão os trabalhos. Mas toda palavra é parcial, faz uma imagem, faz o que pensamos. Então vamos ao "open Studio" ver realmente as imagens que envolveram todos nesses dias. Não dá para falar de todos, nem mesmo falar demoradamente de alguns, assim apenas citarei alguns e deixarei algumas imagens, compartilhando com vocês a minha caminhada pelos cinco prédios com os 24 ateliês, (não vi o de gravura).

Primeiro fomos ao atelier de escultura: 1- Steven Goren, escultura e fotografia, é o cara que conheci quando cheguei no aeroporto de Burlington. Em seguida o da 2 - Hartney, escultura e desenho no espaço e o de 3 - Silvia, uma garota divertida, que cria escultura e brinquedos para crianças. Em seguida fomos para o prédio Wolhf Kahn, o maior prédio, com mais de uma dúzia de ateliês: 4 - Zehra Khan, 5 - Deb Adams-Welles, 6 - Marlene Steyn e uma vista do meu ateliê. Depois o Firehaus, vemos o trabalho de 7 - Andre Leduc, livro de artista gostoso de ver. Na Igreja: 8 - Jody Connely e o de Ola Aldous. Por último o prédio Barbara White: vemos os trabalhos de 9 - Mercedes Irisarri, 10 - Nicolas Nicolas Ponton, 11 - Hoda Kashiha, 12 - Gretchen Sherer, 13 - Marna Shopper.

Por último uma fotografia da noite fria fisicamente, mas quente com o calor de cada um que, no final da caminhada se encontra para um drinque a mais e conversa noite adentro.

Estes trabalhos me inspiraram desenhar e me anima estar aqui, espero que alguns deles toquem vocês e os animem em suas caminhadas artísticas e de vida.

Sexta-feira, 13 de fevereiro de 2015

INADEQUADO EM QUASE TODOS OS LUGARES

Estou digitando no iPad como se escreve à mão, errando, rabiscando, esquecendo palavras, trocando letras, conjugações, acento nem se fala! O, torto, o errado, o inacabado, desajeitado, feito à mão e com coração aqui tem lugar, como diz o poeta Manoel de Barros "a maior riqueza do homem é a sua incompletude, neste ponto sou abastado"

Sexta feira, dormi pouco, mas às 8:00 estou fazendo thai chi, guiado por três amorosas senhoras aqui da cidade de Jonhson. Fiz thai chi em cinco diferentes momentos da minha vida e eis que esta pratica me encontrar aqui! O Vermont Studio center incentiva a pratica física espiritual e oferece dois belos espaços aqui para meditação, yoga e thai chi. Minha cabeça viaja longe quando ensaio os primeiros gestos, os mesmo do começo, em Londrina, com uma mestra inesquecível, depois em Vitoria, também com dois mestres competentes, mas o tempo foi mais implacável, não sei mais nada dos movimentos aprendidos, fico aqui Tateando, guiado por essas três generosas senhoras, que não se cansam de repetir os movimentos, para que eu as siga e relaxe. No final perguntam se eu não tenho um gorro ou hat, porque me viram chegar sem, acho que querem me dar um, agradeço, explico que vim sem gorro porque era apenas atravessar a rua, elas não aceitam. Aqui eles saem completamente vestidos aparamentados, luvas gorros, chaves, tudo certo, mas para mim o toque frio e leve da neve ao atravessar a rua é como um beijo de nuvem.

Vou para o hall central comprar minha passagem de Volta para Boston. Alguns residentes aqui me incentivam a aplicar meu trabalho para uma bolsa que envolve pintura e escrita. Todos anos são várias bolsas, sim porque a residência é paga! Acho interessante e peço um help do meu fiel escudeiro Daniel Elizario em Vitoria para me mandar imagens e pdfs de alguns textos publicados. Ele manda, vem aos pedaços, preencho o formulário do jeito que posso e anexo as imagens. Explica à atendente que não tenho todos os documentos, ela diz que os mais importantes são a imagens. Não é confortável começar com a falta mais fico aliviado.

No almoço encontro com Jodi, artista nova-iorquina que tem um desenho maravilhoso, com Ola, artista russa americana inquieta e cheia de energia e com Hoda, boa pintora iraniana. Falamos de como foi boa a caminhada ontem visitando os ateliês. Fico contente em saber que meus trabalhos as tocou, Hoda me falou algo muito interessante, "parece que seu trabalho se mescla com sua vida, você não se trata de ser pintor ou desenhista, mas tudo que você faz, você faz arte, você pensa arte". Uau, ela viu isso? Me acho tão sem graça tantas vezes! Inadequado mesmo. Cada vez mais tenho menos a

dizer ou sei o que dizer. Antes parecia-me que eu tinha certeza, hoje sei que não tenho. As vezes escuto alguém dizer, "eu me conheço muito bem, ou eu sei o que eu quero, eu confio em mim", coisas nessa linha e tudo isso me parece ilusão, retórica. Lembro que um dia, numa conversa informal, em que algumas pessoas diziam que confiavam em si mesmo, eu disse que não confiava em mim mesmo e que também não sabia o que eu queria. Ficou todo mundo "assim", estranho e eu também. Se fosse para continuar essa conversa eu diria, com Makhmalbaf, cineasta iraniano, que me acho inadequado em quase todos os lugares. Outra hora falaremos mais disso. Mas Hoda se referia principalmente aos desenhos-linhas meditação que faço todos os dias e os os desenhos que chamo aquisição da língua, que é o exercício de aprender inglês escrevendo, e desenhando em folhas de papel. Hoda acertou, posso não conseguir, mas é este meu processo, isso inclui dar aula, viajar, esse texto aqui, etc. Acho que foi Ad Reinhart que, disse "em qualquer lugar que eu vou, vou como artista". Ela está indo embora amanhã, a residência dela é 15 dias, então nos convidou para uma vodka no lounge e ela tocara piano. Convido-a para ir ao meu Studio para fotografá-la e criar um retrato dela como a série reverso.

A tarde recebo o segundo artista nova-iorquino, William Lamsam, convidado para o dialogar com os artistas. Ontem foi a visita do primeiro artista, de nome parecido: William Villalongo, mas acabei não tendo tempo de falar dele ontem. Bem, o primeiro curtiu o trabalho, mas vibrou mesmo foi com série de desenhos da Amazônia, não se cansava de folhear o livro dizendo you are very gift in drawing, se eu entendi bem. Ele apontou também a questão da tridimensionalidade nas fotografias, um toque que vou incorporar. Já o William Lamsam gostou do desenho linhas meditativos (da série um desenho por dia 200 linhas que fiz durante três anos e três meses, alguém se lembra? Pois continuo fazendo, só que ligeiramente diferente), sobre as fotografias, disse que os recortes poderiam, ao invés de ter figuras, ser somente o papel recortado, assumindo assim o seu aspecto tridimensional. Porque não? Outra coisa que o impressionou foi o projeto "um ano desenhado", para ele é uma coisa nova, mais do que desenho, impressionou o "commitment", ver artistas, professores e alunos envolvidos numa tarefa continuada como essa. Foram dois bons diálogos. Eles se foram e eu fiquei com aquela sensação boa de ter comunicado algo e também com aquela velha impressão de que faço várias coisas diferentes. É uma angústia que trago à anos, mas começo a ver com certa clareza a ligação em todas essas coisas. As questões de fundo são sempre as mesmas, como a casa, essa forma, que chamo de casa do passado que é sempre as mesmas, a mesma casa há anos, uma imagem que remete à memória de tempos distantes, à infância talvez, aos medos, desejos e fragilidades da infância e também o não ter casa. Habitar esta casa, vê-la de dentro, percorrer quartos corredores, banheiros e salas é o meu pensamento neste momento. Creio que entrando dentro desta casa poderei colocar todas as minhas formas, todo o meu pensamento de arte.

Sábado, 14 de fevereiro de 2015

UM ANO DESENHADO

Hoje está especialmente frio. Quando me falaram que o frio neste final de semana seria mais intenso, eu fiquei sem saber como poderia, afinal já estava frio, um freezer. Mas agora sei, mesmo assim, sai para dar uma volta no quarteirão e tirar foto do branco. Na volta, revi os desenhos desta semana e os fotografei para postá-los aqui

Tenho visto postagens e mais postagens de desenhos vinculados ao projeto. Gosto de ver os desenhos e sobretudo da insistência. Sei como é difícil essa insistência e muitos certamente desistirão. A falta de tempo no dia a dia trabalho é o primeiro obstáculo, mas o obstáculo mais forte é aquela terrível pergunta? Para que estou fazendo isso? Qual o sentido disso? Você olha para trás e ver um mês dois de desenhos e poderá perguntar, para que isso? E daí? E nesta linha, várias podem surgir. Lembro-me do professor Eric Landovsky, falando recentemente de semiótica greimasiana na UFES, não sou expert na área, mas uma parte da sua fala me tocou: trata-se dos conceitos de uso e de prática. Quando perguntamos para que? Estamos na questão uso, interessados no para que serve, que utilidade tem isso para mim, como vou usar isto, et c, etc. Quando perguntamos o que é, estamos interessados na prática, na constituição do objeto, na sua realidade e na sua fruição em si, isso é eminentemente estético, o seu fazer construir sua própria alegria e sentido. Assim, se você perguntar para que fazer um "ano desenhado" se não há nenhum prêmio para isso, poderá não ver razão prática, mas se enfrentar essa pergunta clara e continuar em frente, poderá defrontar se com a segunda: o que é isso e ver e deixar a mão desenhar, os olhos verem, os ouvidos escutarem. Ai a difícil tarefa de desenhar todo dia alguns minutos, torna se fácil, um momento que se dedica a olhar as coisas e o próprio desenho.

Terça-feira, 17 de fevereiro de 2015

NUNCA DESENHEI PAISAGENS, MAS É COMO SE AS TIVESSE DESENHADO

Em 2012 embarquei em um navio hospital da Marinha Brasileira para uma viagem que ao todo durou 20 dias, pela Amazônia, com o propósito de ver, de descobrir e desenhar os diversos cenários daquela paisagem. O resultado desta viagem está nos dois pequenos livros publicados recentemente: "Viajamos para viver" "A Invenção da paisagem". Mas o que eu gostaria de dizer aqui que até então eu nunca havia desenhado paisagem. Embarquei naquele navio, como descrevo no livro me perguntando "o que desenhar? Como desenhar? Gostaria de dar um passo à frente, mas vou um pouco atrás. Lanço mão de uma via tradicional, o desenho de observação ao natural, esquecendo-me da minha pintura e desenho individual (...) vem-me à mente que observar paisagem é observar algo além de mim, é sair de mim mesmo para ver algo bem maior e mais forte do que eu" ... A natureza. Esta viagem marcou a minha descoberta da paisagem, que continua em até hoje, pois vim para esta residência com intuito de desenvolver e aprofundar a série: "A Casa do passado" e de entrar nesta casa. Com efeito estou

fazendo isso, abrindo portas, entrando nos espaços desta casa, deixando a luz entrar pela janela e iluminar seus vãos, minha expectativa é a de que, entrando na casa poderei colocar nela todo meu pensamento de arte, todas as diferentes formas e séries que faço. Mas neste movimento redescubro a paisagem, ou melhor estas paisagens - distantes, misteriosas, como me disse Dwan, escritora residente neste momento no Vermont. Enveredo por elas com encantamento, talvez a mesma impressão que muitos de vocês tiveram, quando viram o desenho postado ontem, conforme me comentaram.

Quando terminei aquele desenho eu sorri, entre espantado e admirado, e quase perguntei, como fiz isso? Quis escrever um post naquele, mesmo instante, a fim de conversar com vocês, mas estava por demais envolvido, por demais contente com o trabalho, de maneira que preferi sorrir. Pois, como lembra Tom Zé elogio em boca própria é vitupério.

Nunca desenhei paisagens, mas é com se sempre as tivesse desenhado. Digo isso, lembrando-me de Fernando Pessoa, O Guardador de rebanhos: "Nunca guardei rebanhos, / mas é como se os guardasse. / Minha alma é como um pastor, / conhece o vento e o sol, / e anda pela mão das estações/ a seguir e a olhar. /Toda a paz da natureza sem gente / vem sentar-se ao meu lado" Lindo não é mesmo? Repitam comigo: nunca guardei rebanhos, mas é como se os tivesse guardado... Silêncio... tem poesia nesse silêncio...

Fico por aqui. Grande abraço a todos que me seguiram com paciência e benevolência. Deixo aqui segundo desenho desta série que, será exposta em maio na galeria Via Thorey, desde já, estão convidados. Boa noite. Boa noite

Terça-feira, 17 de fevereiro de 2015

CRIAR É A ARTE DE SE TRANCAR DENTRO DE UM QUARTO

Olho a paisagem branca pela janela no atelier do prédio Wolf Kahn, um dos prédios de ateliês aqui. O branco convida ao silêncio. No Brasil é carnaval. Praticamente não ligamos televisão. Um outro silêncio, também branco, percorre o grande corredor que ao fundo, abre para uma pequena passagem que liga a outro prédio com mais ateliers, uns quinze talvez. As vezes nos visitamos, por alguns minutos, no mais cada um mergulha no trabalho. Neste sentido, a vida aqui é muito comum, é vidinha besta como diria Drummond, acordar, ir ao center hall para o café, depois para o atelier, voltar ao center hall para o almoço (comida sempre deliciosa ... salmão, camarão, carne vermelha, sempre cogumelos, saladas, sucos, café e desert: frutas, browne, sorvete e outras coisas que não sei o nome), a tarde voltamos para o atelier e a noite também. Vida Comum mesmo, extraordinário é o que acontece entre as quatro paredes. Proust já dizia que criar é a arte de se fechar dentro de quarto.

Ele, fez isso como ninguém! Eu pela primeira vez experimento um pouco disso. Aqui trancado nesse quarto viajo, por França Minas e Bahia, como diz uma canção e ainda inventei está de escrever estes textos, de pouca conta, para conversar comigo mesmo e com vocês teimosos, que dos seus quartos ou salas participam comigo desta residência no VSC. Lembro-me de um texto de Victor Hugo, que elogiava a teimosia, dizendo que diferente da coragem ou da força, que tem apenas um assomo, dizia que a teimosia tem a virtude de recomeçar sempre, de não se dar por satisfeita e, tanto no fracasso quanto na conquista, ir de novo ao ponto.

OLHO da janela do atelier e penso admirado na organização deste programa de residência que existe há quase trinta anos! Ontem conversei com John, artista septuagenário, um dos fundadores deste programa. Ele sempre vem almoçar no restaurante do center hall, com a roupa suja de tinta, alias a maioria chega lá com a roupa suja de tinta, como trabalhadores, que interrompem o trabalho apenas por alguns instantes para logo retornar.

Chegam residentes novos, alguns já foram embora como Ola Aldous, artista russa e Cynthia Dewi Oka, poeta de origem indonésia e, fazem falta aqui. Vejo um ou outro carro passarem vez por outra um artista residente. O branco se estende até o sol nos trópicos, para encontrar a alegria dançante do carnaval, mas neste instante, não penso, como Melissa P. (100 escovadas antes de dormir) que lá fora tem alguém mais feliz do eu. Não, aqui dentro deste "quarto" acontece o extraordinário.

Este final de semana, comecei a trabalhar à óleo, era para ter feito isso logo que cheguei aqui, porque o óleo demanda tempo. Estranha mania de começar as coisas pelo fim! Estou apanhando, talvez por isso resolvo sair um pouco, para visitar outros ateliers. Depois do almoço visito os Studio de Gretchen Scherer, jovem artista de New York, que faz um trabalho surpreendente de colagem e de pintura, Marna Shopoff, artista de Miami, que trabalha pintura com um viés geométrico, cores puras e transparência de incrível beleza, Nicolas Ponton, Artista argentino cujo desenho marcado na pedra lembra o trabalho do brasileiro Marcelo Moscheta, o qual apresento a ele, Mercedes argentina, pintora de extração hiper-realista e pop que recria cenas do cotidiano como novo interesse visual e Hoda Kashih, pintora iraniana, cuja figuração colorida desconcerta o olhar.

Quarta-feira, 18 de fevereiro de 2015

JANELA

Olho pela janela do atelier aqui no Vermont Studio Center, sabendo o que vou ver lá fora. E porque sei o que vou encontrar, gosto de olhar pela janela. Vejo a brancura da neve que esperava ver, no entanto, ela me surpreende, como se eu não soubesse o que ia ver. Acho que é por isso que gosto de olhar pela janela, e ver o que esperava ver: o branco. E ele me devolve o que nele procuro.

Quinta-feira, 19 de fevereiro de 2015

UM PINTOR DE PORÕES

Aqui estou eu com mais um texto grande demais para face book, mas para quem tiver paciência e interesse, vamos lá. Noite, não adianta ir para cama cedo pois sei que não vou dormir. No lounge, em torno da lareira reúne um grupo de jovens, a maioria escritores, hoje tivemos noite de leitura de textos, extratos do que eles estão escrevendo aqui. Escutei paciente, mesmo sem entender bulhufas, inglês literário e falado depressa. Vou para o atelier. Não encontro viva alma na rua. Mas não estou sozinho, de longe o amor me abraça. No atelier, olho uma tela começada, o interior de uma casa com umas formas estranhas. Será este o interior da "Casa do passado" que tanto tenho falado? Quem olhar de fora dirá que não tem nada a ver. Espera-se uma espécie de continuação, uma ressonância entre o dentro e o fora, inclusive para que eles se pertençam. Mas o interior pode ser tão diverso! Então, olho para a tela em processo, com seu desenho de interior tão diferente do que cheguei a imaginar! Deixo assim ou enveredo para os tons escuros esperados? Eu tinha prometido a mim mesmo coerência formal, e queria entrar na casa escura, que eu creditava escura, mas ela se mostra aqui, clara e, é intimamente ligada a minha série "A parelhos". Começo a sessão com essa questão vou por este caminho, ou por aquele? Lembro-me do artista Paulo Whitaker que uma vez me disse que quando um trabalho dele seria bom, ele deixava aquela pintura trabalhar para ele. Sabia conclusão, deixa o trabalho desdobrar-se. Amilcar de Castro fez isso a vida toda, como me disse certa vez em entrevista: "meu trabalho é a mesma coisa, sempre, a mesma coisa, o mesmo rigor, a mesma busca, mas cada um é novo!" Eu já sou cheio de dúvidas, e por isso mesmo adoto um outro método, se gosto de um trabalho no meio do processo, deixo naquele ponto e faço outro seguindo o mesmo caminho, ainda em andamento, ultrapasso aquele ponto para ver onde vai chegar. Assim entro na casa do passado.

No almoço tenho um contratempo. Uma artista residente aqui, em um brinde derramou vinho em meu celular, agora ele está irrecuperavelmente bêbado, e a ressaca não passa, não acessa mais internet, depois descubro que meu iPad também não está carregando. Vem me uma sombra de tristeza, como continuar com esses textos? Lembro-me do amigo fotógrafo espanhol amazonense, quando da minha viagem a Amazônia para desenhar e fotografar ele me perguntou que equipamento fotográfico eu levava no navio, eu respondi que apenas minha câmara digital, carregador etc. Aí ele falou que sempre levava junto sua câmara analógica com filmes, explicou, vai que dá algum problema com o equipamento digital naquelas brenhas! É isso, as vezes depositamos nossa confiança nas nuvens e ela se vai se evapora o que tínhamos como certo vira incerteza e angústia.

Angustiado vou ao arts supplies comprar material, papel tela, turpenoid, etc. Caio na tentação, acho que compro mais do que deveria. Lembro de uma amiga que veio para os Estados unidos e me disse que quando estava deprimida, angustiada, ia ao shopping e

comprava, comprava e saia de lá feliz da vida. Será que comprar suprime esse sentimento de falta?

Volto para o atelier e desenho, pinto, faço anotações nervosamente, trabalho até cansar. Gasto a energia que o sol nos dá toda manhã. Olho as telas inacabadas e pergunto: será que desenhar, pintar, fazer arte suprime esse sentimento de falta?

Uma artista residente aqui no Vermont Studio Center que pinta céus, paisagens me diz que uma "sky painter," sorriu e penso que é um caminho feliz o dela, sem dúvida. Acho bonita a pintura dela, mas volto para as minhas que, buscam luz e estou propenso a dizer que sou um pintor de porões. O pior é que não sei o que está lá e, não tenho esperança de saber, de entender, contudo, guardo uma crença ou esperança, pode se dizer, penso que esta arte é uma forma de resistir à ignorância.

Sábado, 21 de fevereiro de 2015

VIAJAR, DESENHAR ESCREVER, FOTOGRAFAR...

Volta a nevar novamente em Vermont. Olho pela janela e vejo o que eu sabia que ia ver, a neve. Da um sentimento quase de despedida. Sua beleza é por assim dizer, quase triste. 'E também por isso gosto de experimentá-la, senti-la no rosto e até mesmo desenha lá. Nunca desenhei a neve antes, como também nunca tinha desenhado paisagem até viajar pela Amazônia, mas de repente 'e como se as tivesse desenhado. Tem razão o velho Goethe em dizer que 'não viajamos para chegar, viajamos para viver'. Mas o que é viajar? O que fazer viajando, como viajar? Bem, podemos viajar para encontrar familiares, fazer turismo, estudar, negócios, etc. Durante minha juventude e até há alguns anos, eu dizia que não gostava de viajar, com efeito não sou um viajador. Viagem da trabalho, é caro, tem riscos, desconforto, então porque fazer? Está aí a resposta de Goethe. Eu, depois de velho acho que firmei melhor o gosto e interesse por viajar, então que posso dizer que viajo para desenhar, fotografar, escrever (como faço agora) enfim, criar imagens. Esta perspectiva ou esta paixão foi, talvez o que me fez ter a ideia de levar um ônibus de alunos do curso de artes da UFES a São Paulo para ver museus e galeria há dois anos atrás e estabelecer que ninguém levasse Câmara fotográfica. Deveriam levar, isso sim, um diário gráfico, caneta e lápis para que tudo o que vissem e se interessassem a anotar ou dizer que o fizesse desenhado. Foi uma grande, aventura apesar dos protestos de alguns. Desenhamos no albergue, em bares, na rua, um desenhou também no caderno do outro e assim por diante.... Há, inclusive, uma imagem que não me esqueço: a de um grupo desses alunos desenhando, em pé na av. Paulista um conjunto de músicos tocando jazz. Não é apenas a imagem, mas aquele movimento: estávamos lá ouvindo os músicos de repente uma estudante puxa seu caderno e começa a desenhar, e outro segue, mais outro, mais outro, de repente era todo grupo desenhando os músicos, que se verem desenhado, se animaram e começaram a

tocar em pé e depois vieram em nossa direção para ver os desenhos... Bonito de ver. Por outro lado o ato de desenhar ali, naquele momento da noite se tornou tornou também uma atração tanto para ouvir a música, mas também para o grupo desenhando. Foi uma verdadeira performance, uma verdadeira prática de desenho, cuja ação ultrapassava a moção de estudo do desenho como coisa de sala de aula, a ser feita em lugar confortável, arejado com cadeira e mesa ou quando se está inspirado. Não desenhar envolve riscos, por isso viajar é o caminho desenhar, o objetivo

Nas eu comecei esse texto para falar da neve e que hoje saímos para fazer snow shoe, caminhar neve, seguindo uma trilha na em torno da Cidade de Johnson. Para isso tivemos que alugar uns 'sapatos' especiais, uma espécie de esqui comprido e largo que permite pisar na neve e não afundar. A maioria dos artistas n'ao foram, ficaram nos Studios trabalhando, para vocês verem a tara para se trabalhar aqui. Fomos de carro até uma certa altura, lá colocamos nossas pranchas e fomos andando que nem patos neve a dentro. Lá no fial encontrei o pintor, fundador do Vermont Studio Center e esposa, as senhoras do tai chi também com seu esposos e filhos e outras pessoas da cidade. 'E um esporte valorizado aqui. A princípio, mesmo com luvas minhas m'aos doíam, mas ao final de quase duas horas de caminhada, pude tira-las e fotografar tranquilamente. Fiquei surpreso com isso que o frio que sinto nas mãos passasse assim. Quando fui entregar o equipamento e pagar o aluguel dos mesmo a funcionaria responsável (US\$ 20,00 - vinte dólares), ela não recebeu, disse que era seu convidado, gentileza, não? E anunciou que podíamos ficar com o equipamento até segunda, para se quisermos andar na neve no final de semana, possamos faze-lo, pensei em devolve-los ali na hora, porque não creio que vou andar na neve sozinho. Uma coisa que me dá um certo medo e andar por lugares ermos sozinho. Posso até conhecer o lugar, mas se espaço é amplo e tem aquele ar de imensidão, o medo bate. Será algo da infância?

Bem, agradeço aos teimosos que me acompanharam até aqui. Corrigi esse texto em um computador que não tem acentos, desculpem os erros. Amanhã falarem de arte e talvez do medo que aqui hoje apenas citei.

Segunda-feira, 23 de fevereiro de 2015

AS ULTIMAS TELAS

Ontem, ao sair do atelier, uma hora da manhã, sozinho no meio da rua fria, ouvi o som do vento que costuma vir da floresta nas noites de inverno aqui em Jonhson. Era a Segunda vez que escutava esse som, mas desta vez fiquei parado ouvindo ou melhor esperando, porque ele veio até a mim e, não veio sozinho. Olhei a rua até ela se perder na floresta e lá estava o vento, no escuro, vindo para a luz. Senti que ele estava vindo e vi. Ele carregava neve e a jogava a na rua, distribuía. A princípio, era uma espécie de

nuvem, redemoinho, mas aos poucos vi os pontos brancos que chegavam animados pela boca do vento, desenhando linhas a minha frente. Assisti ao começo da neve! Foi incrível! Então ela se pôs a cair ao meu redor, foi questão de segundos e eu fiquei dentro dela, quieto, envolvido por milhares de pontos, como num desenho bem pequeno no meio de uma folha branca, e, senti aquela sensação gostosa de estar no espaço, de ser também um ponto no espaço.

Você deve estar se perguntando o que tem a ver o título desse texto acima As Últimas telas com a neve caindo, como acabei de descrever. A princípio, nada, mas no fim tem tudo ver. É que, esta é a última semana de residência aqui no Vermont Studio Center e, a sensação de fazer algo pela última vez é parecida com a da primeira. Hoje pintei talvez a última tela à óleo que poderia pintar aqui. Vontade tenho de pintar outras, mas não haverá tempo para secar. Então daqui para frente só desenhos e, começar a arrumar as coisas.

Voltei a pintar óleo, depois de anos esperando, me perguntado como fazê-lo. Aqui descobri um meio que certamente vou levar à frente. Comecei a trabalhar com a tinta bem diluída com linhaça e querosene, usando tanto o pincel para aplicar a tinta, quanto guardanapos de papel para limpar, e, neste caso, o limpar também passou a fazer parte da construção da imagem. Limpar tem a ver com erro, com insatisfação, com tentativa, por conseguinte com a teimosa. Trata-se de um fazer de novo que, deixa ver rastro, que revela uma certa incerteza, que olha para trás e vê seu próprio rastro torto e tenta se acertar. Portanto, pintei "tateando". Com a tinta bem diluída me aproximei dos procedimentos do desenho, pude usar o carvão, o pastel e o efeito de aguada, que gosto muito e, assim, trabalhar rápido e também criar camadas. Pude ter controle da coisa até um certo ponto e permitir o descontrole em outros pontos; me senti livre para tentar, errar, passar o papel por cima, manchar, criando assim uma espécie de palimpsesto invertido, onde as camadas dos processos são também mensagem.

Assim entro na casa, que Dulce Osinski chamou do passado e do presente e me surpreendo, descubro imagens diversas do que esperavam enfim, chego a um lugar não conhecido, talvez porque como diz o tão, para se chegar a um lugar não desconhecido devemos trilhar caminhos não conhecidos.

Terça-feira, 24 de fevereiro de 2015

O QUE FAZER SENAO CHORAR?

Começo o dia com uma forte emoção. Chego ao atelier e encontro um envelope endereçado a mim, fixado na porta. Não estou esperando nenhuma correspondência aqui, seria engano? Olho remete e destinatário, não há engano, minha amiga Luciane, de Boston, está me enviando um cartão, que gentileza, penso. Mas é mais do que isso. Durante a semana que estive na casa dela conheci alguns artistas e então falei com ela

que gostaria de encontra-los de novo em minha volta, e se poderíamos fazer um pequeno sarau em sua casa. Ela curtiu a ideia e, por e-mail me pediu uma imagem para fazer um convite para enviar às pessoas. Falei uau! Pensei que seria um convite apenas por telefone! Mas enviei uma imagem da série de desenhos da Amazônia. E hoje recebo este envelope, dentro o convite que carinhosamente ela preparou. Um postal. De um lado, a fotografia do desenho, do outro, o convite para o "Get together" e ela ainda me pede desculpas por não ter tido tempo de discutir detalhes antes comigo! Foi uma emoção! Emoção que se torna ainda maior neste momento em que escrevo e tento encontrar palavras para descrevê-la, não encontro, mas vou escrevendo assim mesmo, o que eu não sei dizer, o que eu gostaria de dizer, o que talvez não saiba nunca dizer. Certamente, é isso o que toda obra de arte quer: provocar uma emoção: Meus olhos se enchem de lágrimas e de gratidão. O que dizer senão chorar?

Fico longo tempo em silencio. Olho a neve lá fora e penso nos pequenos milagres que acontecem todos os dias e constroem a graça do viver. Talvez por isso tenha me sentido tão bem aqui esses dias, foram muitas mensagens recebidas, diálogos estabelecidos; não estive sozinho. Um abraço!

Terça-feira, 24 de fevereiro de 2015

UM ANO DESENHADO

Os dias tem sido cheios de trabalho aqui no Vermont Studio Center, principalmente esta semana que é última, mas não me esqueci do compromisso com o projeto e com todos vocês que tem se manifestado em nossa página "Um ano desenhado". Para os que estão tomando conhecimento desse projeto agora, informo que ele começou em janeiro e vai até o final. O propósito é estimular cada um na pratica do desenho e também trabalhar questões como disciplina, paciência, entusiasmo, concentração e aprendizado artístico e estético. O projeto é aberto a todos que quiserem participar e gostam de fazer arte. O desenho aqui é visto dentro no conceito de campo ampliado, não somente no sentido do termo tão em voga à partir de Rosalind Krauss, mas no sentido de que desenho é pensamento gráfico e pode se expresso de várias e diversas maneiras. É um projeto aberto, não há pré-requisito para participar. A dificuldade maior não é o desenho em si, mas a pratica diária, ou seja: Desenhar, escrever uma frase, que seja o título, ou descrever a técnica todos s dias, o mais fielmente possível e, postar na página. Inclusive a escrita pode ser pensada como desenho. A postagem também não precisa se diária, você pode fazer semanal, como normalmente eu também faço. Assim, todos nós, entre as atividades diárias vamos construindo este habito saudável, político, artístico e estético.

Quinta-feira, 26 de fevereiro de 2015

OPEN STUDIO

Chega ao final da nossa residência artística no Vermont Studio Center. Como era de esperar, muita correria, excitação e o clima de despedida. Como o fotógrafo oficial está doente, propus, meio sem graça, à coordenação, fazer a fotografia com o grupo na hora do almoço, aceitaram fiz, uma boa maneira de guardar um pouco mais o rosto de todos. A noite veio rápida, quase não deu tempo para eu arrumar o meu atelier, inventei de continuar desenhando umas coisas, e acho que ainda vou fazer um pouquinho amanhã. A visitação aos ateliês foi intensa, tanto que não pude visitar os cinco prédios de ateliês. Ademais como estou expondo era anfitrião em meu ateliê e visitante nos outros. Foi um bom encontro, abraços, cumprimentos, trocas de trabalhos e, também uma semente plantada pela artista nova-iorquina, a de realizarmos trabalhos colaborativos entre os artistas, uma ideia que abracei e formei um pequeno time aqui. Mas sobre isso farei um post exclusivo, dentro de alguns dias ok? Aguardem. Bem, dos três ateliês visitados, deixo aqui algumas imagens dos artistas: Corina S. Alvarezdelugo, Mary, Heather Harvey, Sylvie, Jane Jane Sherrill, Emma Webster Ike Francis, Virginia Crawford Pierrepont Zehra Khan Marlene Stein, Celia Johnson Martin Grealish, Deb Adams-welles, Dagmara Genda, Mary Bucci McCoy, Raphael Lori Galvin, Patty Ripley, Fenton-Spaid Michael Gellatly Riana Casas, Elise Nicol Mercedes Irisarri, Hoda Kashiha, Gretchen Scherer meu studio e primeiro trabalho colaborativo que realizamos "Collaborative Prints by Jill Moser and me".

Sexta-feira, 27 de fevereiro de 2015

Último texto último café in Vermont

ULTIMO CAFÉ, último olhar sobre Johnson, inclusive último texto escrito aqui, mas p quem pegou o hábito de acompanhar esta conversação, haverá outros a partir das impressões que tomei nota. Please keep in touch, como eles dizem aqui. Esta é frase que mais ouvi e também falei nessas últimas horas. Keep in touch. A outra é, stay warm. De repente, mas não tão de repente assim somos 60 residentes, artistas plásticos e escritores dizendo mantenha contato, mantenha se aquecido. O frio se foi, ficou o calor, apesar da baixa temperatura.

PERTO DO MEIO DIA vou ao Arts supplies para minha última compra, papel para uma série de desenho e texto "Convite", mas não apenas isso, o Michael, dono do estabelecimento, foi tão legal comigo, me atendendo com paciência, dando descontos que eu não sabia que existia aqui, que eu não podia partir sem lhe dizer Good bye. Levei uma aquarelinha na mão, ele viu e falou que lindo! Eu respondi: Que bom que você gostou, trouxe a para você! Ele não acredita quer pagar. Disse que é a primeira vez que um residente lhe traz um presente assim! E acrescenta que vai colocar lá no quarto da "inspiração." Faço minha pequena compra, mas não tem jeito dele aceitar o pagamento. Nos abraçamos forte como se quiséssemos estender no tempo aquele momento e dissemos keep in touch!

A SEMENTE PLANTADA pela Artista nova-iorquina Jill Moser, de fazer trabalhos colaborativos começou a dar frutos. Primeiro ela havia me sugerido fazer um collaborative work com Hoda, (artista iraniana, aquela cuja pintura já tinha gostado e falado aqui, pensei puta que pariu que olho bom!), depois ela própria me convidou para fazer com ela um trabalho conjunto de gravura. Como fazer, é novo para mim! Vamos tentar! Chegamos ao Studio de gravura, preparando as tintas, tateando, perguntei como você gosta de trabalhar? Ela respondeu: fast! Com um sorriso! Saquei, bateu comigo, fast mas não descuidado, não apressado. Trabalhamos a tarde toda. Descobrimos um caminho e o trabalho andou. Foi aí que descobri que, de certo modo, tenho feito isso com alguns alunos em meu atelier, desenhando paisagens juntos, no contexto do ensino e aprendizagem de arte, projeto que quero continuar em duas vias: "Paisagens do espírito" e " Paisagens dos outros". Vamos ver.

Mas o fruto do trabalho colaborativo a que me referi acima é que convidei três artistas para fazermos trabalhos colaborativos: Hoda kashiha, Gretchen Shrerer e Celia Jonhson. Os trabalhos delas aparecem no open Studio II. Este é o postulado para este ano, estou levando vários trabalhos delas, vamos ver como ficam, por hora vamos keeping in touch.

NOITE. À noite pretendia sair para um café, desenhar e escrever em um café, mas não fui. Sai apenas duas noites aqui. Não vi a cidade direito, de certa forma, fiz o que Proust falou a 'arte de se prender em um quarto' Praticamente todo o mês dentro daquele quarto (Studio) e foi grande, foi extraordinário! Mas queria dar um último olhar para esta cidade acolhedora que eu não cheguei a conhecer. Os estúdios começaram a se fechar e o hall de entrada do nosso prédio começou e se encher de pacotes a serem levados por transportadoras, fora os que seguem pelos Correios! Foi o dia inteiro embalando trabalhos! A noite no jantar eu sentia o peso do último dia.

Sentia que a grande viagem chegava ao fim. Lembrei-me da viagem que fiz à Amazônia em 2012, dos desenhos e dos textos que fiz lá. Lá, quinze dias em um navio militar, para olhar para fora, ver, desenhar e fotografar a floresta e sua gente, aqui, um mês para olhar para dentro, ver desenhar e pintar o que penso, sinto em arte. Duas viagens tão diferentes e tão conectadas, parece-me uma me levou a outra! Pareceu-me que eu sentia mais do que todo mundo essa sensação de fim, por isso e, pela qualidade do encontro, no café da manhã, tomei palavra e disse: se algum dia, algum de vocês forem ao Brasil, saibam que meu Studio é de vocês! Todos curtiram a ideia! What a Beautiful offer! A noite comecei a receber cumprimentos: minha casa em Colônia é sua, minha casa em New York é sua.... Muitos se reuniram no sótão para beber e conversar, eu fiquei um pouco e saí para uma última e pequena volta pela cidade. Pisei a neve macia e disse adeus. Olhei meus sapatos no meio do branco e me lembrei: a neve não traz somente o frio, traz também o espanto.

Escrevo este texto no ônibus e pelo Celular, aos teimosos que acompanharam até aqui, desculpem os erros, a bagunça de sensações e obrigado pela companhia. Bom dia!!